



REVISTA PUBLICADA QUINZENALMENTE

Proprietario, director e editor

MICHEL'ANGELO LAMBERTINI

Redacção e administração

Praça dos Restauradores, 62 a 68

Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial

Praça dos Restauradores, 24

SUMMARIO: Na Exposição de Bellas Artes — Pelo Conservatorio — Carta do Porto — Curiosidades musicas  
Pela India — Concertos — Noticiario — Necrolgia



## Na Exposição de Belas Artes

### Uma estatua interessante

Fui á Exposição de Belas Artes na tarde das *Presidencias*. Era uma quinta feira, havia musica, e o Presidente da Republi-

ca, acompanhado do Presidente do Ministerio e do Ministro da Instrucção, fazia a sua visita oficial ao nosso *Salon*. Quando cheguei, o sr. Dr. Teofilo Braga, guiado atravez das diversas salas pelo sr. Costa Mota, presidente da Sociedade Nacional de Belas Artes, em cuja casa se realisa a Exposição, fazia-lhe, a este ultimo, uma entusiastica fala diante de um grande pai-

nel que representa um caso qualquer da vida marítima. Não ouvi as suas palavras; mas ia jurar que dissertava sobre o nosso passado histórico, sobre os destinos de Portugal, sobre a política portugueza filiada na situação geográfica e sobre a *Epopéa do Mar*, por ele sugerida a um musico moço, o sr. Ruy Coelho. Algo de profundo e vasto devia ser, provavelmente alguma d'aquelas sínteses habituais em S. Ex.<sup>a</sup>, porque o sr. Mota estava com cara de quem não percebia.

O sr. Dr. José de Castro parára junto do grupo do sr. Francisco dos Santos que se encontra colocado em lugar de honra, no topo da sala, e se intitula, creio eu, *Um Beijo*, ou *O Beijo*. Uma mulher nua e sentada, apoiando horizontalmente a cabeça no espaldar da cadeira, olha para o ceu e um homem também nu, de pé, por trás dela, vem tranquilamente poisar os seus labios dele na commissura dos seus labios dela. E' um beijo tranquilo e tímido, sem fremito dos corpos, apesar de estarem nus os dois priopinantes:

Um beijo na face  
Pede-se e dá-se.

Junto do Presidente do Governo falava, com invejáveis gestos de rapaz, o sr. Sousa Pinto Senior. Note-se que ha um outro, um Junior, ao qual tenho visto dar o nome de Sousa Pinto filho, certamente por ser irmão do primeiro. Também não sei o que dizia o feliz pintor. E sinto-o deveras. Porque, a julgar por esta obra, parece-me que o seu auctor nunca, em sua vida, deu um beijo numa mulher, quer nua, quer vestida; e que, da mesma carencia, sofre a conspícua comissão que, segundo dizem, adquiriu o grupo para o Museu de Arte Moderna. Quero porém crêr que Sousa Pinto mostrava a José de Castro como o escultor sr. Santos, depois de ter explorado os temas de Constantin Mesnier, passa agora a tratar os de Rodin; e teria ponderado que este, efectivamente, fizera *Le baiser*, mas que tal obra se integra furiosamente na serie das suas *Ebauches et Debauches*, em que uma intensidade profundamente sensual e agitada marca os musculos com planos e contrações violentas; beijo genesiaco de uma humanidade superior de gigantes e herois, entrevista no sonho descomunal e pouco nítido de um grande genio em delirio; que o sr. Dr. José de Castro verá o que vai sair da nova serie castigada e casta do modesto escultor lisboense, a qual por certo dará bem a justa

nota da nossa capacidade criadôra em materia de Arte.

Neste momento o sexteto gemia, arras-tava a conhecida e sensualissima frase de Saint-Saëns:

Ah! Verse-moi l'ivresse...

E um dos mais notaveis membros da nossa *elite* artistica, quiçá vendo ironico proposito ou menor acatamento na casual coincidência, rosnava irado:

— Isto não se faz! Podiam escolher outra musica: o Fado ou a Viuva Alegre. Mas o Sansão e Dalila!... E' de mais.

Já então o chefe do governo olhava de longe para *O Judeu* colossal do sr. Simões de Almeida sobrinho. Mas perto desta estatua, um grupo de membros da Sociedade, sob a aparente presidencia espiritual e presencial do sr. Adães Bermudes, cercava o sr. Magalhães Lima e, visivelmente, se referia á pombalina imagem do celebre comediografo. Nem outro podia ser o assunto que vivamente apaixonava esse grupo tam interessado, que eu, entre tímido e encolhido, observava a distancia, sem poder aproveitar a lição de critica artistica. E ia mentalmente imaginando como o sr. Bermudes, com a sua cultivada fluencia de palavra, haveria revelado ao Ministro da Instrução que já agora não valia a pena construir o monumento a Pombal dos srs. Marques da Silva e Alves de Sousa. Porque a original, a soberba attitude em que este escultor fundiu a alma energica e a altiva decisão do ministro de D. José já se encontra reproduzida na estatua do *Antonio José*; que o sr. Simões de Almeida Sobrinho segue mais uma vez o processo de *prendre son bien où il le trouve*, e que visse S. Ex.<sup>a</sup> como é bem a mesma postura do corpo da outra estatua, a mesma intimativa da mão direita avançando a conjugar-se com o vigor dos olhos; e que só lhe trocára as pernas, fazendo-o dar mais um passo, e lhe tirara o manto. Mas que, no resto, é em tudo a estatua pombalina do sr. Alves de Sousa, porque contém, na mesma attitude, a mesma commoção geradora. E nisso está a caracteristica da Escultura.

Afastando-me com receio de perturbar a imaginada defeza de tão nobres intuitos e pensamentos, fui-me a pensar naquella anedota sucedida entre Liszt e Wagner, quando este disse ao sogro:

— Olha que meti uma idéa tua na Trilogia; calhou bem a valer.

— Fizeste muito bem, respondia o nobre abade; porque ao menos vae-se assim

tornando conhecida a minha musica. E' um processo como outro qualquer.

Suponho que Wagner se referia ao maravilhoso dueto do 1.º acto do *Siegfried*, entre Wotan e Mime, no qual aparece sumptuosamente tratado e desenvolvido um dos temas do *Orfeu* de Liszt. Mas, com este *plagio*, só teve a ganhar a grande arte; por ser Wagner quem o fez, á ma-

presa e a estatua intitula-se — *Surprehendido*.

E' um tema que suponho inedito. O auctor não foi copiá-lo em ninguém e tratou-o com larguesa e completa simplicidade, sem atitudes rebuscadas nem imitadas. A obra resulta sincera e honesta, e bem andaria a comissão que compra para o Museu moderno, adquirindo-a, tambem, desde



neira de João Sebastião Bach que tratava os temas sem cuidar da sua proveniencia.

Casos passados entre Deuses, cuja sociedade é um pouco diversa da nossa querida Nacional de Belas Artes.

\*  
\*   \*   \*

E vai de repente dou com uma pequena estatua de uns 50 a 60 centímetros de alto, difficil de ver porque ficou colocada muito baixa, mas que ainda assim me surpreendeu no meio de tanta falta de invento, fantasia e dignidade artistica. Figura ella um rapazelho, sentado naturalmente no chão, com uma rabeca segura na mão esquerda e a cabeça levemente inclinada para melhor ouvir os sons que tira do *Stradivarius*; a fisionomia revela uma doce sur-

já. Ao menos escolheria uma coisa original, bem nossa e não um *pastiche*; e justificaria a aquisição, quando mais não fosse, pelo seu valor notavelmente educativo. Vi porém, com prazer, que essa encantadora estatua é do sr. José Pereira, professor das escolas industriais, residente em Tomar, o qual concluiu o seu curso de escultura em Lisboa ha uns seis anos e expõe agora por primeira vez. E assim me explico tambem porque essa obra escapa por completo á nefasta influencia do meio artistico combatente da capital: foi concebida no retiro de Tomar, terra de grande arte e deliciosa paisagem, por um escultor cuja modestia é tão grande como honesto o seu talento.

Eu já conhecia este artista sob o nobre aspecto de educador de gente nova; já o tinha louvado, sem ser o primeiro, por essa sua manifestação tão pessoal, tão porfiada

e conscientemente adquirida; e agora folgo em o aplaudir por ter seguido o mesmo criterio na ideação e construção da sua estatua. Produziu uma obra que se me afigura destinada a um largo futuro pela reprodução em escala menor; e espero ainda te-la, em pequeno bronze de 25 centímetros de altura, a enriquecer a minha modestissima casa de musica.

Mas agora pergunto eu: porque não adquirirá o nosso Conservatorio essa estatua? Não seria acertado chamá-la a si para lhe embelezar o estabelecimento onde tanta belesa falta?

Não são de facto vulgares as boas estatuas ou quadros com assuntos tirados da musica; e sendo valiosa e felizmente concebida essa obra de um escultor portuguez, constitue-se, para nós, num dever de superior justiça, reconhecê-lo sem a menor ambiguidade.

\* \* \*

Embora pouco demorada esta minha primeira visita á Exposição, aspirava tudo a não partir com uma só boa impressão de verdadeira arte; e, percorrendo-a toda, vi com grande prazer a encantadora serie de retratos de senhoras por Columbano, umas quantas marinhas de João Vaz que se contam entre as paginas mais felizes da sua obra, um retrato muito interessante do sr. Constantino Fernandes e uma luminosissima paisagem do sr. Saude, que não foi adquirida para o nosso Museu, sem que se saiba porquê. Extranho caso, dadas as qualidades do quadro que, desde logo, se impõem ao visitante menos preparado ou prevenido.

E espero que ainda lá haja algumas obras a distinguir no monte das *undesirables*. Fica para outra vez em que a musica não tenha de intervir, quer nos temas tratados, quer na contemplação dos visitantes.

6 Junho 1915.

ANTONIO ARROYO.



## Pelo Conservatorio

### (O «curso geral» e o «pianolismo»)

Se é verdade que o piano é o agente mais activo e eficaz, mais elevado e nobre, da divulgação musical; se graças ao abençoado piano, as produções do Genio atravessam triunfalmente as idades; percorrem toda a escala social; vibram nos paços e nas cabanas; nas cidades e nas aldeias; prodigam conchegos e confortos; provocam lagrimas de ternura; enxugam lagrimas de amargura... se, rialmente, o piano é o transmissor por excellencia da mais sublime das Artes: — a dos sons —; é preciso tambem reconhecer, com magua, que a santa missão do piano não está nem compreendida, nem orientada, nem venerada, nem observada no Conservatorio de Lisboa. Antes pelo contrario: o Conservatorio, no referente á cultura do piano, não fomenta arte; não divulga arte; mas constitue, no estado actual da sua organização, o maior, mais triste e rial obstaculo a todo desenvolvimento artistico. — Não é a arte musical atravez do piano, mas a *pianolização* da musica através das teclas o que ali se cultiva...

O mal vem de longe, mas apesar de arreigado, não me parece de difficil remedio: — Bastaria apenas, poder contar com o entusiasmo, o fervor, o desejo ardente, alem da provada competencia das comissões encarregadas de examinar os planos de estudo e de inspirar a linha artistica que se deva impôr, e, rigorosamente observar... — Por que razão, meu Deus! esse abandono sistematico, absoluto, tenaz e persistente de toda a parte mais levantada e transcendente da cultura artistica: — a expressão — em favor quasi exclusivo da pura e simplesmente auxiliar — a tecnica, — e com prejuizo patente e manifesto do desenvolvimento intelectual e emotivo da juventude...? — Com que direito pretender cretinizar a mocidade portugueza encerrando o seu espirito naquele circulo de estudos puramente mecânicos; muitos deles classicamente architectados, magistralmente executados, é certo... (os de Clementi, os de Cramer...), mas sem o atrativo da fantasia, sem o sopro do genio que alente, amenize e aqueça o esforço? Porquê, essa enorme accumulção de *casos tecnicos* occorridos aos Czernys, Berens e *tutti quanti*; casos secos, soporiferos, impotentes, massadores e estereis, com exclusão quasi absoluta do pasto espirital que deve ani-

mar a gente moça, infundindo-lhe calor, vida, e entusiasmo... sim: *entusiasmo*: a primeira, a única, a eterna força de todo impulso nobre e elevado...? — Para as gerações moças, que consagram (coitadas!) cinco anos de frescura, de ilusões, de juvenis ardores ao malfadado «curso geral», não haveria meio de achar equivalencias mil milhões de vezes mais interessantes e fructíferas na cultura da portentosa obra do nunca bastante venerado e preconizado Bach, no estudo das suas encantadoras suites, partitas, tocatas e sonatas; no conhecimento e convívio dos cravistas italianos, francezes e inglezes dos seculos XVII e XVIII; das deliciosas sonatas de Haydn, das de Mozart, o Divino...?

Porquê, porquê, tanta hora mortal dedicada á percussão martelada de tantissimo estudo... inutil na maior parte, por estar praticado sem consciencia, sem ciencia, sem fé e... sem mais objeto que o de completar um certo e determinado numero de *incidentes* ou *accidentes* pianísticos (que aliás se encontram nas obras immortaes já citadas) e que o «programa oficial», muito mais aridamente, impõe... á sua vitima...?

— No dia 25 de Maio ultimo, um novel artista, cujo nome, levarei, vá lá! a .. *condescendencia*, até não pronunciar... (mas com cujo talento os portuguezes terão, de aqui em diante, que contar!) executou no salão do Conservatorio, com tão poderosa tecnica como intensidade expressiva, trez das mais transcendentais paginas da literatura do piano: Preludio e fuga em ré de Bach-Busoni; Preludio, coral e fuga de César Franck; sonata em si menor de Liszt... — Pois bem! *Consta-me* que esse jovem, excepção feita da materia que lhe foi exigida nas aulas preparatorias, desconhece por completo, não praticou nunca, não executou nem mesmo *leu* nunca, o programa do «curso geral» do Conservatorio de Lisboa.

Hoje ataco o «curso geral» no pleno uso do meu direito, mas ataco-o em beneficio dele, e na esperanza do meu proprio beneficio. — O «curso geral» constitue a constante ameaça com que o «curso superior» se vê affito, e representa por isso para mim (servindo-me d'uma imagem napoleoniana lembrada na guerra atual), o revolver com que Anvers aponta para a Inglaterra! — Ao «curso geral» devo eu: o martirio dos exames; as espigas dos empenhos; algumas das rugas que tenho na cara, e... muitos dos cabelos... que já não tenho...!

Lisboa, 10 de Junho de 1915.

ALEXANDRE REY COLAÇO.

## Carta do Porto

XVI

Vae em grande declinação a febre musical que, com aterrador caracter epidemico, por aqui se desenvolveu.

A não ser alguma sessão de discipulos, este anno em menor numero ao costumado, sem duvida porque o cansaço do publico, devido ao extraordinario numero de concertos para que o sollicitaram, lhe não deixa interessar-se por nada mais — arrefeceram as iniciativas e addiaram-se projectos.

Os deploraveis acontecimentos politicos do mez findo e as sobresaltadas e dolorosas noites que aqui se passaram, contribuíram tambem largamente para esse resultado. O Orpheon fechou as suas portas com um concerto a menos do que havia sido annuciado. Para esses dois concertos estava contratada a violinista italiana Arminda Senatra e a joven e talentosa pianista Maria Cervantes. Esta infeliz artista, de futuro tão prometedor, adoeceu gravemente com um ataque de rheumatismo no coração que a victimou em poucos dias. Este lamentavel contra tempo obrigou a direcção a contractar o pianista hungaro Stefaniai para collaborar nos concertos de M.<sup>me</sup> Senatra.

Ora este pianista que tem uma certa nomeada na execução das obras de Liszt, appareceu um dia em Madrid e relacionou-se com o celebre esculptor Benliure, que o apresentou em um concerto á aristocratica sociedade que frequenta o seu *atelier*. Do grande exito d'essa apresentação resultou o enlace de Stefaniai com a filha de Benliure. Surprehendido pela guerra em meio da sua viagem de nupcias, o ditoso par teve de acolher-se ao hospital leiro abrigo da neutralidade hespanhola; e uma vez ahí a actividade do famoso pianista desenvolveu-se prodigiosamente pelas diferentes cidades do paiz visinho, á falta de outros centros artisticos onde com mais saliente realce brilhassem as suas qualidades de virtuose. Havia indubitavelmente interessse em o ouvir no Porto. Combinados pelo Orpheon os dois programas do distincto pianista com a violinista Senatra, chegava esta artista ao Porto na vespera do concerto, ao mesmo tempo em que por telegrama o sr. Stefaniai prevenia não poder vir sem que lhe garantissem a pessoa, dada a sua condição de nacionalidade. Desfeitos pelas vias compe-

tentes os seus receios, porque o publico portuense sabe ser gentil com os artistas estrangeiros que o visitam, determinou que fosse annunciada a sua vinda para o segundo concerto. Este facto originou a alteração completa do primeiro programma, a introdução de novas peças, a intervenção amavel d'um pianista que se prestou á ultima hora a acompanhá-las e uma tal ou qual frieza do publico, involuntariamente illudido na sua expectativa. M.<sup>me</sup> Senatra havia portanto de resentirse um pouco com todas estas inesperadas difficuldades no momento da sua primeira apresentação a um publico desconhecido, e comquanto o seu merito de concertista nem pela technica nem pela musicalidade seja comparavel ao de outras violinistas que naquelle mesmo lugar se teem applaudido, quero crêr que o seu exito de agrado seria superior se os programas fossem como primitivamente os planeara.

Foi verdadeiramente infeliz a idea de executar a *Introdução* e o interminavel *Rondó* do Concerto em mi maior de Vieuxtemps, que pelo seu character de velharia banal produz no auditorio um tal sentimento de fadiga e aborrecimento, que influe no successo d'um programma inteiro. Ainda assim o publico fez um acolhimento muito sympathico a M.<sup>me</sup> Senatra, reservando-se para melhor a apreciar no segundo concerto. Não teve porém esse ensejo, porque na vespera do dia marcado para elle, chega novo telegramma do sr. Stefaniai dizendo que não viria por ter adoecido. A Direcção resolveu então eliminar esse concerto e encerrar a temporada.

Decididamente M.<sup>me</sup> Senatra é uma artista infeliz.

Realisou-se tambem o ultimo concerto da «Sociedade de Concertos Symphonicos», em que vieram collaborar dois artistas d'ahi: o *maestro* Pedro Blanch e o mestre da Banda da Guarda Republicana, sr. Fão. Não pude assistir por estar ausente do Porto n'esse dia. E agora entramos no periodo da calmaria artistica, o que tanto vale como dizer que o pequeno interesse d'estas cartas, será ainda mais reduzido para o futuro pela força das circumstancias.

Não termino porém sem informar que se espera com anciedade o resultado das sessões da grande commissão nomeada para reorganisação do ensino musical, que envolve *mais uma vez* a promessa da

creação d'uma escola no Porto. Ficamos esperando, e se em defeza da arte e dos artistas d'esta maltratada região tivermos de entrar na liça, não será com pequeno ardor e deficiente vontade que o faremos.

ERNESTO MAIA.



## Curiosidades musicas

(2.<sup>a</sup> SERIE)

(Continuado do n.º 394)

«Em os nove dias do mes de março do anno de 1594 foi lançado o habito neste mosteiro de Santa Cruz a frey Luis natural da villa dAveiro filho de Domingos Fernandes e de sua legitima molher Francisca Fernandes, ambos moradores em Aveiro etc. e por assi passar na verdade elle dito frey Luiz assinou este assento com o padre geral digo uigario e com os primeiros dous consiliarios. Dom Gaspar das Chagas seriuão do conuento o fez em o sobredito dia mes e anno ut supra

Dom Innocêncio  
frey Luis  
D. Miguel Vigario  
D. Antonio

fez profissão e chama-se Luis de Santo Agostinho em 9 de março de 95. Dom Gaspar o fez

(Nota á margem) D. Luis de Santo Agostinho cantou tenor muitos annos, e teve excelente voz e mui engraçada, e foi cantor mor duas vezes, e governou o coro no que toca ao canto.»

Id. id. ff. 74

«Em os vinte e quatro dias do mes de setembro do anno de mil quinhentos e noventa e quatro foi lançado o habito a frey Lucas natural da cidade de Lisboa filho legitimo de Antonio Lopes de Matos e de sua legitima molher Ines Baptista já defunta etc. E per assim passar na verdade eu D. Gaspar

das Chagas scrivão do convento fiz este assento que o dito frei Lucas assinou com o padre vigario e os dous primeiros consiliarios em o dito dia mes e anno ut supra

Dom Miguel Vigario  
Dom Innocencio  
frei lucas  
D. Antonio de Santo Agostinho

fez profissão e chamase frei Lucas de Christo em os 24 de setembro de 1595.

fez profissao a segunda vez em 8 dabrill de 600 mudou o nome chamase D. Francisco de Christo, foi lançado do habito por christão novo.

(Nota á margem) D. Pedro (sic) de Christo foi lançado da ordem na visita geral pelo padre Dom Antonio das Chagas, geral da ordem e pelos padres Dom Andre lente jubilado em theologia e pelo padre Dom Constantino dos Anjos, prior de Paderne, e todos tres visitantes e reformadores da ordem por hũ Breve do papa Paulo 5.º no anno de 1622, provouse o dito Dom

Francisco ser christão novo. Era já pregador e cantava contralto e foi o melhor tangedor de cinco, seis e sete cordas que houve no seu tempo.»

Idem. id. fl. 75

«Em os dezoito dias de março do anno de 1600 foi lançado o habito neste mosteiro de Santa Cruz de Coimbra a frei Hieronimo filho de legitimo matrimonio de Pedro Dias e de sua legitima mulher Isabel Francisca do Porto etc. e por assim passar na verdade eu Dom Vicente das Neves scrivão do convento fiz este assento em que assinou o dito frey Hieronimo com o padre geral e dous consiliarios no dito dia ut supra

Dom Jorge  
frei Hieronimo  
D. Agostinho

fez profissão mudou o nome chamase frei Inacio de Santa Maria

(Nota á margem) Inacio de Santa Maria tiple famoso.

BRITO REBELLO.

---

## Pela India

(Conclusão)

A orchestra theatral e de concerto compõe-se habitualmente de duas *saranghis* e um *tamburi*, como instrumentos de cordas, uma *mukavina* (oboè), um *mathala* ou um par de *tablás* (tambor, timbales) e um *s'ruti-upanga*, especie de gaita de folles. No sul da India substitue-se ás vezes a *saranghi* por um violino europeu e a *mukavina* por um clarinete. Tambem se empregam nas execuções musicaes os cymbalos metallicos e os timbres, e occasionalmente os carrilhões (*sapta-ghantika*) e as harmonicas (*jalaharangini*).

A pequena orchestra das reuniões mundanas, concertos, etc., limita-se a uma ou duas *vinas* com o indispensavel acompanhamento de tambores varios.

Nas reuniões cultuaes ou *bhazanas* empregam-se variadas combinações. O capitão Day cita as seguintes, cuja maior ou menor importancia depende dos recursos financeiros dos organisadores:

2 <i>tamburis</i>	1 <i>tamburi</i>	
2 <i>saranghis</i>	1 <i>saranghi</i>	
1 <i>mathala</i>	1 <i>mathala</i>	1 <i>tamburi</i>
1 <i>s'ruti</i>	1 <i>sitar</i>	1 par de cymbalos
1 <i>sitar</i>	1 par de <i>talas</i>	1 tamboril
1 par de <i>tablás</i>	1 par de <i>tablás</i>	

O principal intuito d'estas reuniões, em que os hymnos religiosos teem o logar mais proeminente, é solemnizar as datas notaveis de cada uma das seitas ou castas, cujos membros se reúnem para esse effeito ou nos templos ou em casa dos personagens mais considerados.



Brahmane de Priol tocando satar

A instituição secular do *nahabet* é também curiosa e define bem a preocupação da prerrogativa que sempre caracterizou as castas superiores na India. Consiste o *nahabet* em uma especie de fanfarra, ao serviço de certas personalidades <sup>(1)</sup>, e que deve fazer-se ouvir em horas fixas do dia ou da noite á porta dos palacios, nas torres ou nos balcões das residencias senhoriaes. As peças executadas por essa fanfarra aristocrática não existem notadas; são transmittidas pela tradição e teem, ao que dizem, um encanto particular, semi-selvagem, que não deixa de impressionar vivamente, sobretudo quando ouvidas no meio do silencio da natureza adormecida. A sua composição já não tem a grandiosidade dos tempos idos; hoje o *nahabet* resume-se geralmente nos seguintes instrumentos: 1 par de *nahabets*, grandes timpanos que chegam a attingir 1<sup>m</sup>,50 de diametro; dois pares de *nagaras* e outros tambores; 1 *kurna*, só adoptada para certas cathogorias senhoriaes; 1 ou 2 *tuturis* (clarins); 1 ou 2 pares de cymbalos; 1 ou 2 *nagásaras* (oboés); e ás vezes 1 ou 2 flautas doces do genero *nuy*.

Nas danças populares das bailadeiras, compõe-se a orchestra geralmente de duas *saravghis* ou de dois violinos afinados á moda indiana, um par de *tablás*, um *s'ruti-upanga* e um par de *talas* ou cymbalos. E' com esse acompanhamento rudimentar, feito geralmente por maus musicos, que se cantam os *launims* <sup>(2)</sup> e que a bailadeira ou *nutch-girl*, para me servir de uma expressão anglo-india, começa a esboçar os mil detalhes de gesto e de attitude, as mil nuanças do sentimento ou da sensualidade, as infinitas delicadezas d'essa linguagem muda, subtil e complicada, que, incomprehendida por aquelles que a esse extranho espectáculo assistem pela primeira vez, não deixa contudo d'interessar vivamente aos que sabem surpreender-lhe a intenção e o verdadeiro character. E toda essa serie de movimentos, compassados ou phreneticos, languidos ou vivamente apaixonados, são punctuados pelo tilintar das *ghantikas* ou guisos, que a dançarina enrola no artelho como symbolo indelevel do seu mister <sup>(3)</sup>.

São ligeiros e bem toscamente esboçados os traços com que me propuz desenhar a vida musical da península indiatica. Mas, taes como ahi ficam, bastarão porventura para se fazer um juizo geral sobre essa arte tão differente da nossa e sobretudo para convencer os que tudo fazem passar pelo acanhado cadinho do seu proprio criterio, de que a eterna Belleza não cura de systemas nem de processos. Está onde está e manifesta-se, grandiloquente, em tudo o que nos commove e subjugá, na linha, na côr, no som, em tudo que nos encante e faça vibrar as cordas mais intimas do noso sêr.

MICHEL'ANGELO LAMBERTINI.

<sup>(1)</sup> Principalmente no Dékhan e na India do Norte.

<sup>(2)</sup> *Launim*. Toada das canções de bailadeiras, canção de amor. A palavra *launim* do indo-portuguez vem da mahratí *lavanim*, derivada da palavra sanskrita composta *lavániamahí*, proprio de belleza, gracioso.

(DR. ALBERTO O. DE CASTRO — *Glossario*, já cit.)

<sup>(3)</sup> A *kshudra-gantika* faz effectivamente objecto de uma investidura especial que liga os dançarinos por toda a vida á sua profissão. Não collocam essa especie de guisos no tornozelo sem os levar primeiro á frente e aos olhos, pronunciando uma curta invocação á divindade.





**Concerto Mantelli.** — Assistimos no dia 30 de maio a uma nova audição das discipulas de M.<sup>me</sup> Mantelli, ainda principiantes. A primeira que mais merece os nossos louvores é, sem duvida a distincta maestra, que nos revela cada vez mais o seu valor. Na quantidade de discipulas e discipulos que esta professora nos apresenta por turnos, temos sempre notado que as boas vozes estão em maioria.

Ora, não é crível que todas as vozes lindas de Lisboa sejam exclusivo de M.<sup>me</sup> Mantelli e temos de concordar que é ella quem sabe transmittir e conduzir a arte de cantar, de uma fôrma superior. Entre os alumnos que tivemos o prazer de ouvir n'esta ultima matinée, agradando-nos todos, relativamente, pois que apenas são principiantes, surprehenderam-nos alguns d'elles, sobretudo, attendendo ao pouco tempo que teem de estudo.

O programma foi interessante e passamos a descrevel-o com o nome das senhoras que n'elle tomaram parte, que foram:

D. Maria José Madail, que além do duetto *Napoli* de Tosti, cantado com sua irmã D. Bertha, cantou também *Aprile* de Tosti e sua irmã D. Bertha que cantou *Sans toi* de G. d'Ardelet mostrando ambas sensíveis progressos. M.<sup>elle</sup> Maria de Vasconcellos Santos que cantou com correção *Só* de Tirindelli, M.<sup>elle</sup> Christina Bordallo Pinheiro que substituiu M.<sup>elle</sup> Alda Machado agradou muitissimo cantando *Mai* de Hann e foram tantos os applausos que teve de nos fazer ouvir outro numero que foi *A canção lituana* de Chopin. E' muito bonita a sua voz. Seguiu o tenor José Condeixa que entusiasmou o auditorio não sómente pela maneira correta como cantou *Malia* de Tosti, como também pela dicção e pelo sympathico timbre da sua voz fresca e agradável. O sr. José Condeixa estuda apenas ha trez mezes. Não é possivel fazer-se mais. Deve ir longe. M.<sup>elle</sup> Inicilia de Vasconcellos Santos no *Vorrei morire* de Tosti mostrou-nos bastante sentimento. M.<sup>elle</sup> Beatriz George na valsa *Tu* de Mario Costa, foi muito bem, tendo-lhe notado uma boa dicção o que é sempre importante. M.<sup>elle</sup> Silva Aguiar na *Chanson de Florian*

de Godard, também nos agradou. M.<sup>elle</sup> Albino Brito na *Primavera* de Tirindelli, agradou bastante pois tem além de uma linda voz, boa intuição artistica. M.<sup>elle</sup> Manuela de Santiago, satisfez na *Mignon* que cantou correctamente. M.<sup>elle</sup> Beatriz Picoto, cantou *Novembre* de Tirindelli com bastante sentimento, agradou muito. M.<sup>elle</sup> Caldeira Coelho, cantou *Si les fleurs avaient des yeux*. Este lindo trecho, tanto poema como musica, foi dito com muito sentimento. M.<sup>elle</sup> Rita Carvalhaes que tem uma linda voz, cantou muito bem e com muita expressão *Sol ei non torna* de Tirindelli. M.<sup>elle</sup> Julia Lina e Cunha que cantou *Vilanelle* de Dell'Acqua possui uma bella voz de soprano ligeiro e dá optimas esperanças para mais tarde. M.<sup>elle</sup> Irène d'Oliveira cantou com grande mimo a Aria de *Butterfly*. Como lhe pedissem bis cantou *Soqui* de Tosti recebendo muitos applausos. M.<sup>elle</sup> Adelina Guimarães, cantou *Se tu m'ami* de Pergolese. Tem esta mesma senhora uma voz linda, fresca, e bem timbrada, foi correctissima e agradou sem favor. M.<sup>elle</sup> Alda Feio, que foi o ultimo numero, cantou a valsa da *Dinorah* de Meyerber, primorosamente. Parecia-nos uma artista já feita e não tardará muito para nos deslumbrar completamente. A sua lindissima voz agrada-nos tanto mais, que possui a grande qualidade de não ser delgada como é frequente nos sopranos ligeiros. Pelo contrario é cheia, redonda, o que a nosso ver a valorisa muito.

Já o dissemos, este concerto foi simplesmente no intuito de ajuizarmos dos progressos de certos discipulos principiantes de M.<sup>me</sup> Mantelli que já conheciamos e para apresentação de outros ainda mais recentes. Grandes felicitações a M.<sup>me</sup> Mantelli e ás suas discipulas que nos proporcionam tantas vezes horas tão agradáveis.

Devemo-nos aqui penitenciar por não ter sabido a tempo que o sr. Silingardi realisava n'esse mesmo dia o seu concerto que fôra addiado havia tempo. Sentimos tanto mais, que desejavamos aqui patentear a nossa boa opinião sobre o valor do beneficiado, o sr. Silingardi, e prestar homenagem ao barytono Motta Marques ambos de nós muito conhecidos, como também ao maestro Codivilla por quem sentimos admiração sendo também um professor de grande valor e merito artistico. Teriamos tido ainda o prazer de conhecermos mais discipulos do illustre maestro que sabemos terem agradado plenamente.

\*\*

Na interessante sessão de alumnos, promovida pelo professor Garin em 1 d'este mez, tomaram parte as meninas Maria Cartaxo, Aurora Cavaco, Marianna Monteiro, Maria Helena Cid, Irene Silva, Maria Luiza Garin, Gertrudes Cartaxo, Maria Luiza d'Azevedo, Maria Antonia Amorim, Nybia Aneda, Maria Eduarda d'Oliveira, Cecilia Borba da Costa, Maria de Jesus Figueiredo, Hilda Carneiro, Maria Archangela Beato, Etelvina de Carvalho, Isaura Martins Queiroz, Maria de Lourdes Botelho e Evangelina Cardoso Teixeira, bem como os snrs. Eurico Figueiredo, Antonio de Lima-Fragoso, Lourenço Varella Cid-Junior e Julio Almada.

Tanto o illustre organisador como o seu numeroso grupo de educandos foram alvo de grandes e justas manifestações de sympathia. Marcos Garin, a quem a *Arte Musical* nunca regateou louvores, é effectivamente um dos nossos optimos leccionistas do piano. Os seus discipulos, que muito o estimam, offereceram-lhe no fim d'esta festa escolar um delicado objecto d'arte, sendo-lhe lida por uma das alumnas uma gentil allocução que poz em relevo o merecimento do professor e a gratidão dos discipulos.

\*\*

No Salão Bechstein (Porto) realizou-se em 2 um sarau em que tomaram parte algumas das melhores discipulas de Raimundo de Macedo. Executaram um interessante repertorio pianistico as sr.<sup>as</sup> D. Maria da Anunciação Oliveira, D. Dina Gama de Lima, D. Clara Rocha, D. Marcella de Faria e D. Elvira Castro Silva.

\*\*

Pelos jornaes de Coimbra que temos á vista, o sarau academico de 2 d'este mez teve foros de grande e animada festa d'arte.

Estreia-se o novo orpheon coimbrão, sob a regencia do dr. Elias d'Aguiar, e esse grupo coral, pela correcção e bom gosto com que executou o seu brilhante repertorio, suscitou em todos os ouvintes a mais satisfatoria impressão e tão unanime agrado que alguns numeros tiveram de ser bisados.

Limitou-se comtudo o orpheon a enquadrar, em digna moldura, uma serie de nomes já de ha muito consagrados na *élite* da nossa arte — Vianna da Motta, sua esposa D. Bertha, D. Elisa Pedroso, D. Branca Colaço, Augusto Rosa, Affonso Lopes Vieira.

Vianna da Motta, o nosso summo artista, fez-se ouvir a solo em um *Preludio* de Alkan e no *S. Francisco sobre as ondas* de Liszt. Com a eximia pianista, sr. D. Elisa Baptista de Sousa Pedroso, tocou aquelle grande mestre duas outras obras do mesmo auctor, *Marcha* e *Fantasia* húngaras, que produziram extraordinario effeito e foram consagradas com infinitos applausos.

A illustre *partenaire* de Vianna da Motta, que é, como notorio, uma das nossas glorias da arte pianistica, tocou tambem um *Nocturno* de Borodine, que D. Branca de Gonta Colaço commentou com deliciosos versos.

E esta illustre *diseuse* tambem se fez applaudir entusiasticamente em uma bonita poesia, *Saia nova*, e dois lindos sonetos de sua composição.

M.<sup>me</sup> Vianna da Motta cantou com o primor de sempre *Oh! quand je dors* de Liszt e *Hymne à Venus* de D'Albert, e em dueto com o sr. Ferreira da Costa o *Lohengrin* de Wagner. Disse este mesmo tenor o *Rêve* da *Manon* por forma extremamente agradavel.

Para ainda mais abrilhantar este excepcional sarau o insigne actor Augusto Rosa recitou com a arte que todos lhe admiramos o *Tambor* de Julio Dantas e a menina Isabel Ayres, uma joven discipula de Vianna da Motta, que apenas conta 12 annos, executou muito distinctamente o allegro de uma *Sonata* de Beethoven.

Produziu tambem grande entusiasmo uma conferencia, em que o dr. Lopes Vieira, em linguagem colorida e vibrante, descreveu as raras bellezas da cidade do Mondego e se referiu á mocidade de Luiz de Camões que soube cantar essas bellezas com tão suprema inspiração e encanto. Lembrou tambem o conferente que no jardim Botânico de Coimbra se erguesse o busto do nosso grande épico, que foi certamente o mais glorioso dos academicos que passou pelos bancos da velha universidade. Lopes Vieira recebeu, no fim da sua admiravel conferencia, as mais carinhosas demonstrações d'apreço.

\*\*

O professor portuense Luiz Costa e sua esposa, a sr.<sup>a</sup> D. Leonilda Moreira de Sá e Costa, effectuaram em 4 no vasto salão do Centro Commercial, uma audição de alumnos que mereceu da critica os mais rasgados encomios.

As alumnas D. Julieta Machado Guimarães, D. Maria Leopoldina Bravo, D. Her-

minia Machado Guimarães, D. Sarah Angela Cabral Ferreira, D. Silvia Gomes, D. Adosinda Paiva, D. Margarida Lemos de Magalhães, D. Maria do Céu Diogo e D. Maria Adelaide Diogo, além do alumno Americo da Fonseca Araujo, foram muito festejadas em tudo o que executaram, compartilhando n'esses applausos, como de justiça, os dois notabilissimos professores, cujo merito e boa escola já estão de ha muito consagradas na capital do norte. As quatro ultimas senhoras mencionadas, que são já distintissimas pianistas tocaram respectivamente: *Rapsodia d'Auvergne* de Saint-Saëns e *La danse des gnomes* de Liszt; *Rapsodia* em si menor de Brahms; *Au bord du Ganges* de Mendelssohn-Liszt e uma *Masurka* de Chopin; *Jardins sous la pluie* de Debussy, *Ballade* em sol menor de Chopin e segunda *Polacca* de Liszt-Busoni.

\*\*\*

No dia 5 houve dois bellos concertos particulares, um no lyceu Passos Manuel, outro no Club Brasileiro.

No primeiro tomaram parte quatro distinctas cantoras, M.<sup>me</sup> Trindade, D. Emma Cordeiro, D. Rosa Barroso de Moraes e D. Elisa Guedes, e os srs. Arthur Trindade, tenor Armando Alves e o barytono Pitta Simões.

No segundo cantaram, entre outras senhoras, as distinctas amadoras D. Manoela de Sampaio, M.<sup>elle</sup> Metello Antunes e D. Maria Emilia Allen, o tenor Raul de Lacerda, tocando violino o sr. Luiz Silveira e guitarra o professor Julio Silva.

\*\*\*

Na quinta-feira, 10, deu o professor Garin um segundo concerto escolar, especialmente consagrado ás alumnas menos adiantadas. Entre estas, salientou-se, ao que nos dizem, uma menina de 7 annos, Maria Isabel Torres Gomes, cujas aptidões para o piano são absolutamente excepcionaes.

O concerto foi abrilhantado com numeros de canto e recitações.

\*\*\*

A 12 e quando já se estava compondo a revista, deve ter tido logar o concerto do tenor Julio Camara, que teve a collaboração de sua esposa, D. Rita Camara, dos professores João Passos, Luiz Barbosa e Julio Silva, e do sr. José Simões Coelho, conhecido jornalista que recitou algumas poesias.

A sr.<sup>a</sup> D. Rita Camara, que fazia a sua apresentação entre nós e que é uma habil pianista italiana, tinha no programma *Falène* de Floridia e *Valse nonchalante* de Saint-Saëns, prestando-se a fazer todos os acompanhamentos e recitando, além d'isso, poesias de Ada Negri e Gabriele d'Annunzio.

Seu marido, o tenor Camara, cantou romanzas de Bizet, Meyerbeer, Giordano, Puccini e Nicolino Milano.

Collaboraram ainda, n'este variado concerto, como dissemos, o violoncellista Passos (*Rapsodia hungara* de Popper), o violinista Barbosa (*Romance* de Saint-Saëns, e o guitarrista Julio Silva (dois numeros de sua composição e um *Minueto* de Beethoven).

\*\*\*

No Conservatorio deve ter-se effectuado em 13 um *serão d'arte*, com a collaboração de Acacio Faria, Doria Meunier, David de Sousa e um noneto de saxophones.

Não conhecemos por ora outros pormenores do programma.



Fixou residencia no Porto por algum tempo o conhecido compositor francez Lucien Lambert, auctor da *Roussalka* e de outras obras muito apreciadas em Paris.

No ultimo concerto symphonico do Porto figurou uma composição de Lucien Lambert, a abertura da *Broceliande*, e referindo-se a esse facto o *Primeiro de Janeiro* insere uma desenvolvida nota biographica, acompanhada de retrato do illustre compositor.

\*\*\*

O *Club Moderno* a cujas excellentes audições musicas já aqui nos referimos, de-sejando prestar uma homenagem aos artistas e amadores que tem abrilhantado as suas festas, inaugurou em uma das salas do Club uma exposição de photographias, em que se contam já as de M.<sup>me</sup> Trindade e Olympia Perry Vidal Pereira Bastos, M.<sup>elles</sup> Isabel Northway do Valle, Tagide Tavares, Elisa Guedes, Hortense Fontana, Amelia d'Almeida Serra, Lydia Cutileiro

Alice Fonseca, Maria Ochôa, e dos srs. Alfredo Mascarenhas, Guilherme Bizarro, Rodolpho Sillingardi, Arthur Trindade e Motta Cabral.

\*  
\*  
\*

O Colyseu dos Recreios inaugurou umas sessões musicas a que chamou *serões d'opera lyrica*, e nos quaes se tem feito ouvir alguns conhecidos artistas.

Agradaram sem restricções as cantoras Orduña e Dolores Gran, o violinista Nicolino Milano, tenores Peixoto e Rotea, barrytonos Caldeira e Borrás, etc.

\*  
\*  
\*

Alguns jornaes allemães encetaram uma campanha contra o uso das palavras italianas com que se costumam designar, na musica, as indicações de movimento e de expressão.

Guerra sem treguas ao *allegro, adagio, vivace, agitato, affettuoso* e todos os outros barbarismos; agora passa a ser tudo *lebhaft, langsam, hurtig, ungeduldig, freundschaftlich*, etc. etc.

Pobres meninas do Conservatorio!

\*  
\*  
\*

Para vogal do Conselho d'Arte Musical do Conservatorio, na vaga do professor Vieira, ha pouco fallecido, foi nomeado o nosso amigo e illustre amator, sr. Antonio Lamas.

O respectivo decreto foi publicado ha dias no *Diario do Governo*.

\*  
\*  
\*

No proximo dia 20 deve effectuar-se no salão do Conservatorio um concerto pela distincta virtuose-pianista, M.<sup>me</sup> Angélique de Beer.

Collaboram n'elle o illustre professor Ivo da Cunha e Silva e a applaudida cantora M.<sup>elle</sup> Uberlêe, figurando no programma, entre outras obras importantes, a *Sonata* de Cesar Franck.

\*  
\*  
\*

Os dois primeiros numeros que temos presentes do novo semanario, *O que todos devem saber*, vem recheiados de utilissimas indicações e artigos interessantes. Pondo ao alcance de todos os mais variados conhecimentos scientificos e litterarios, esta nova revista, de cuja direcção se incumbiu o sr. Francisco d'Almeida, illustre

homem de letras e auctor do *Diccionario das seis linguas*, vem certamente prestar um alto serviço no nosso meio.

Agradecemos os numeros enviados e desejamos longa vida ao novo collega.

\*  
\*  
\*

O *Instituto Branco Rodrigues* preparou este anno nove alumnos cegos para varios exames de musica e piano no Conservatorio.

Conforme se tem procedido anteriormente, é dispensado a estes alumnos o pagamento de propinas.

\*  
\*  
\*

Foi tornado a annunciar para amanhã, 16, o concerto de apresentação do violoncellista David de Sousa, que até hoje se não havia realisado por motivos varios.

No programma figurarão, entre outras obras, a *Sonata* de Rachmaninoff e a *Rapsodia hungara* de Popper.

Toma tambem parte no concerto a joven e talentosa pianista, D. Irene Gomes Teixeira.

\*  
\*  
\*

No proximo sabbado realisa a *Academia de Amadores* a sua festa annual, com o concurso do grande pianista Vianna da Motta, de sua esposa e de mais alguns notaveis cultores da musica.

No programma, que já foi annuciado, vemos magnificas composições orchestraes, dirigidas por Pedro Blanch, coros, solos de piano, canto, tudo enfim que possa attrahir ao Salão do Conservatorio uma grande concorrência, como certamente succederá.

O *clou* do concerto é a graciosa *Fantasia* de Beethoven, op. 80, para piano, com orchestra e coros. E a proposito d'esta peça, a que Vianna da Motta vae imprimir sem duvida o cunho da sua poderosa individualidade de virtuose, cumpre dizer, em abono da verdade, que não é a primeira vez que ella se executa em Lisboa, como os jornaes annunciam.

Em 1882, tocou-a Rey Colaço em S. Carlos, com exito brilhantissimo. Se as nossas notas não erram, dirigiu-a n'essa occasião o maestro R. Kuon, ensaiou os coros o maestro Bonafous e a versão italiana da parte coral foi expressamente feita por Jayme Batalha Reis.

E' portanto a 2.<sup>a</sup> vez que a peça se executa, o que alias não diminue em cousa alguma o interesse com que todos a irão ouvir agora.